

O ELO ENTRE A TRAJETÓRIA DE OTTOKAR DÖRFFEL E A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA PARA A HISTÓRIA E PARA O PATRIMÔNIO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NA CIDADE DE JOINVILLE (SC)

THE LINK BETWEEN OTTOKAR DÖRFFEL'S TRAJECTORY AND THE IMPORTANCE OF MEMORY FOR THE HISTORY AND HERITAGE OF GERMAN IMMIGRATION IN JOINVILLE (SC), BRAZIL

Daniele Claudia MIRANDA¹

Euler Renato WESTPHAL²

Roberta Barros MEIRA³

Resumo: O artigo discute a importância da memória de Ottokar Dörffel para a história da imigração e seu potencial como patrimônio cultural para a cidade de Joinville (SC). Baseando-se em referenciais teóricos de Halbwachs (1990), Nora (1993), Assmann (2011) e Candau (2011), o estudo examina as memórias sobreviventes de Ottokar, como as cartas e colunas do jornal que ele fundou, o *Kolonie-Zeitung*. A metodologia envolve a tradução e análise de alguns recortes de textos para trabalhar os dados sobre a imigração alemã no Brasil e pensar as possibilidades da inclusão das memórias como patrimônio imaterial de Joinville. Por meio da análise do discurso, são revelados os desafios enfrentados na “nova pátria”, lançando luz sobre aspectos políticos, sociais, culturais e econômicos da Colônia Dona Francisca.

Palavras-chave: Memória, Imigração alemã, Biografia, Ottokar Dörffel, Patrimônio cultural.

Abstract: This article discusses the importance of Ottokar Dörffel's memory for the history of immigration and its potential as cultural heritage for the city of Joinville (SC), Brazil. Drawing on theoretical references from Halbwachs (1990), Nora (1993), Assmann (2011), and Candau (2011), the study examines Dörffel's surviving memories, such as letters and columns from the newspaper he founded, *Kolonie-Zeitung*. The methodology involves the translation and analysis of selected text excerpts to gather data on German immigration in Brazil and explore the possibilities of including these memories as part of Joinville's intangible heritage. Through discourse analysis, the challenges faced in the “new homeland” are revealed, shedding light on the political, social, cultural, and economic aspects of Colônia Dona Francisca.

Keywords: Memory; German immigration, Biography, Ottokar Dörffel, Cultural heritage.

¹ Doutoranda em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville/UNIVILLE. Mestre em Educação pela Universidade da Região de Joinville/UNIVILLE. Licenciada em Pedagogia pela UFPR. Bolsista da FAPESC do Doutorado em Patrimônio Cultural e Sociedade E-mail: daclam42@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6573-9381>.

² Doutor Honoris Causa (Dr. h.c.) pela Friedrich-Schiller-Universität Jena. Professor titular da universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, docente permanente no Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade PPGPCS e pesquisador da Friedrich-Schiller-Universität Jena. Possui graduação em Teologia, Bacharelado em Teologia pela Escola Superior de Teologia - São Leopoldo e doutorado em Teologia pela Faculdade EST. E-mail: eulerwestphal@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4891-8692>.

³ Professora Adjunta do curso de História e do Programa em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Pós-doutorado pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) e pela Universidad Nacional de Tucumán-Argentina (UNT). Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 CNPq. E-mail: rbmeira@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7739-216X>.

Introdução

Os elementos que estabelecem e constituem a memória devem estar conectados no processo que envolve os acontecimentos passados, preservando a manifestação de ideias e pensamentos projetados para o futuro. O objetivo deste artigo foi discutir a importância da memória de Ottokar Dörffel para a história da imigração e as possibilidades de pensar os seus escritos como patrimônio cultural para a cidade de Joinville (SC).

A base teórica para a discussão está amparada em Halbwachs (1990), Nora (1993), Assmann (2011) e Candau (2011), que apresentam reflexões sobre o compartilhamento de memórias que podem ser reveladas nas relações interpessoais do grupo ao qual pertencem.

Na perspectiva do estudo biográfico, a discussão apoia-se em Schwarcz (2013), que aborda as dificuldades e os dilemas enfrentados por historiadores e cientistas sociais ao pesquisar e escrever biografias. A autora reflete sobre a tentação de impor uma narrativa unificada à vida de figuras conhecidas, que muitas vezes desafiam as expectativas e se comportam de maneiras inesperadas. Ainda, ela discute a tendência de priorizar indivíduos de destaque e transformá-los em figuras centrais, desconsiderando a importância de assuntos menos conhecidos. Além disso, Schwarcz (2013) reconhece a tendência de criar heróis por meio de seus súditos, negligenciando as complexidades e ambiguidades inerentes às suas vidas. Como resultado, as biografias às vezes podem tornar-se de natureza determinística ou excessivamente defensiva, algo que não é o propósito deste texto.

Ainda assim, Schwarcz (2013) em seu texto trata da importância de considerar o indivíduo conforme o seu grupo social e contexto na análise de biografias. Ela sugere substituir o conceito *biografia* pelo conceito *trajetória*, que envolve analisar as relações do indivíduo em seu grupo social e na sua trajetória geracional. O conceito *trajetória* permite uma compreensão mais profunda das posições que os indivíduos ocupam em sucessivos campos sociais, tanto individualmente como em relação a outros grupos sociais.

Portanto, a importância de considerar tanto a estrutura quanto a história e a necessidade de uma abordagem que leve em conta o contexto social e as especificidades do indivíduo e sua trajetória foi o motivo da escolha do termo para abordar o contexto de vida de Ottokar Dörffel. A intenção é recuperar a trajetória de um agente relativamente

desconhecido que na atualidade se encontra apagado do cenário histórico de Joinville, apesar de seu destaque na política e na cultura durante a segunda metade do século XIX.

Nesse sentido, a memória de Ottokar que sobreviveu ao passado e está exposta em inúmeros registros, como cartas endereçadas a familiares e amigos na Saxônia e colunas do jornal que ele fundou, o *Kolonie-Zeitung*, representa uma valiosa fonte histórica para discutir o patrimônio cultural na cidade de Joinville, bem como um recurso para novos estudos sobre a imigração alemã no Brasil.

As contribuições de Dörffel estenderam-se para além de seus escritos. Ele fundou o *Kolonie-Zeitung*, um dos primeiros jornais de língua alemã no Brasil, e atuou como seu editor. Essa publicação, que circulou de 1862 a 1942, desempenhou papel crucial na orientação dos primeiros colonizadores e no alívio da saudade da sua terra natal. O *Kolonie-Zeitung* tornou-se uma importante fonte de informação para pesquisadores alemães e brasileiros, oferecendo um vislumbre de vários aspectos da vida na colônia. Abrangeu uma ampla gama de temas, desde anedotas humorísticas, disputas por propriedades até separações de casais.

Ottokar Dörffel faleceu em Joinville, em 18 de novembro de 1906. Embora viúvo e sem descendentes, deixou um legado como empresário na fundação de Joinville e no estabelecimento de sua fundação cultural. Numa época em que o Brasil ainda estava moldando sua identidade durante as eras imperial e republicana, Dörffel serviu de elo entre a Saxônia, na Alemanha, e Joinville, no Brasil. Seu sonho, concretizado na arquitetura de sua casa, que projetou e mandou construir em 1864, simboliza a preservação da história de Joinville. A casa foi cuidadosamente projetada com atenção aos detalhes e serviu como ponto de encontro de amigos alemães. A construção da casa própria foi um projeto pessoal, refletindo a sua visão de uma vida digna. Dela constam alguns emblemas maçônicos e um ditado, gravado em pedra e mostrando o ano de 1864, que diz: “Na casa e no coração sempre – morando liberdade, paz, piedade” (Dörffel, 2018, p. 250).

Na atualidade, o espaço é ocupado pelo Museu de Arte de Joinville, comumente conhecido como MAJ, que não só abriga uma vasta coleção de obras de arte doadas e adquiridas, mas também oferece uma variedade de atrações, além das paredes da galeria. Embora a história e a arte dentro das paredes do museu sejam atraentes, pouco da história de vida de Ottokar Dörffel está em exposição, embora ele tenha tido influência na construção de Joinville, tenha desempenhado papel fundamental nos primeiros anos da cidade e tenha sido visto como uma figura política importante pela população imigrante nas primeiras décadas da colônia.

O cotidiano da colônia, os desafios enfrentados, detalhes de sua casa são descritos em cartas enviadas à sua família na Alemanha e que preservaram grande parte da história de Joinville, proporcionando um panorama sobre suas ideias progressistas e que pouco foram exploradas.

Para vislumbrar sua trajetória, a metodologia empregada envolveu a tradução e análise de trechos selecionados das cartas pessoais de Ottokar Dörffel endereçadas à sua família na região da Saxônia/Alemanha publicadas no livro organizado por Matzke (2018). Além disso, trechos de textos publicados no jornal *Kolonie-Zeitung* também são utilizados para apresentar argumentos para examinar a Colônia Dona Francisca na perspectiva das memórias como patrimônio imaterial de Joinville. Por meio da análise do discurso, compreendemos os desafios enfrentados nessa “nova pátria”, revelando aspectos significativos da Colônia Dona Francisca.

Quem foi Ottokar Dörffel? Sinopse de uma trajetória na Saxônia

Ottokar Dörffel nasceu em Waldenburg, em 24 de março de 1818. Entre 1835 e 1845, estudou Ciências Jurídicas em Leipzig, tornou-se advogado, casou-se com Ida Günter e transitou por tribunais da Saxônia até chegar a Glauchau, em 1846. Em 1847, após um ano e meio de atividades no local, candidatou-se a prefeito. Foi eleito por um comitê de cidadãos políticos da cidade com 22 votos dos 36 no total.

Conforme Wetzel (2018), Ottokar foi considerado pela imprensa local como um “homem liberal e determinado”, por atuar no fortalecimento do autogoverno local e pelo incentivo à participação dos cidadãos nas tarefas municipais por meio de reuniões abertas ao público, pois acreditava que o processo administrativo deveria ter transparência. Todavia, o tema dominante na sua vida pública foi menos seu trabalho como gestor local do que seu papel na revolta de Dresden, em maio de 1849, que lhe custou a destituição do cargo após um curto período.

Ainda em março de 1848, acontecimentos revolucionários surgiram motivados por demandas populares reivindicando reformas administrativas tributárias, redução de privilégios da monarquia e melhorias das condições de vida dos cidadãos. Os eventos revolucionários pressionaram Ottokar por um posicionamento político durante as manifestações locais. Muito embora não tenha feito parte da corrente que propagava uma forma democrática de governo, ele a via como uma ação constitucional, porém tanto Matzke (2018) como Wetzel (2018) afirmam que Ottokar era claro no seu posicionamento

de que a monarquia era a melhor forma de governo, dada sua proximidade com Otto Victor I.

Os acontecimentos da época tornavam-se cada vez mais tensos, e nos primeiros dias de maio de 1849 reinava um clima difícil de avaliar, pois surgiam diferentes notícias sobre conflitos populares na região de Dresden. Como chefe da cidade, Ottokar tinha de estar presente nas reuniões e mostrar autoridade na tomada de decisões no conselho municipal e com outras autoridades políticas da região da Saxônia.

Segundo dados apresentados por Matzke (2018) e Wetzel (2018), para apaziguar os ânimos acalorados, tanto dos cidadãos envolvidos nos movimentos revolucionários e presentes nas reuniões quanto dos gestores municipais, que cobravam um posicionamento do prefeito, foi criado um comitê em 5 de maio de 1849, formado por iniciativa da comunidade local, com a participação de Ottokar como mediador entre moradores e autoridades municipais, e anunciou-se a intenção de enviar um grupo de 200 voluntários a Dresden. Fizeram parte desse grupo integrantes da guarda municipal, com recursos financeiros e armas reunidos pelos participantes do movimento.

O levante sequer chegou a Dresden, pois a companhia de trem que fazia o transporte desses voluntários ficou sabendo da iniciativa durante o percurso e os fizeram retornar para Glauchau, impedindo-os de chegar ao destino. Esse acontecimento tornou Ottokar alvo de investigação. Sua presença em público nas reuniões entre os envolvidos passou a ser duramente criticada pela administração distrital, e, considerando a situação, Ottokar foi deposto de seu cargo de prefeito no início de julho de 1849, e dissolveu-se o conselho municipal.

Wetzel (2018) afirma que Ottokar travou uma batalha judicial de três anos para defender-se das acusações apresentadas contra ele, no entanto, mesmo sem provas do seu envolvimento direto como líder do movimento rebelde, foi condenado a 12 anos de prisão. Apesar disso, interpôs recurso e, representando-se, conseguiu ser absolvido das acusações, porém permaneceram as suspeitas em relação ao incidente e, caso surgissem novas acusações, a investigação poderia ser reaberta. Embora o Supremo Tribunal Federal tenha reconhecido sua posição como presidente da Câmara, por causa do medo de turbulências e revoltas locais, Ottokar foi forçado a mediar a situação, como o único curso de ação no melhor interesse da cidade, ainda carregando certa tensão em seus ombros. Apesar de sua absolvição, que manchou ainda mais sua imagem política e cidadã em Glauchau, ele decidiu não retomar seu cargo público nem assumir nenhum outro cargo.

Para Wetzell (2018), tais acontecimentos levaram Ottokar Dörffel a um novo começo de vida do outro lado do Atlântico, na Região Sul do Brasil. A decisão de migrar para terras brasileiras foi influenciada pela sua ligação pessoal com um dos principais acionistas da associação de colonização, Otto Victor I.

Razões da imigração de Ottokar Dörffel

As motivações dos imigrantes europeus para promover a imigração e estabelecer colônias foram o desejo de escapar da pobreza, da opressão e da exploração e de melhorar as suas condições de vida. Por outro lado, as elites políticas e econômicas viam a imigração como um meio de aliviar as pressões e tensões internas nos seus países, promover o desenvolvimento econômico em áreas marginalizadas e beneficiar o transporte de imigrantes e o estabelecimento de colônias. Ambos os grupos tinham motivações diferentes, mas convergiram na promoção da imigração e da colonização e no seu apoio.

Portanto, as razões da imigração alemã da região da Saxônia para o Brasil abrangiam inúmeros fatores: econômicos, sociais, políticos, religiosos e pessoais. Para Ottokar Dörffel, a situação não foi diferente; sua decisão de imigrar também envolveu tais motivações.

Segundo Matzke (2018), a segunda metade do século XIX foi um período conturbado para Ottokar. Em 1848, ele se tornou prefeito de Glauchau, que sofria os efeitos ligados à pobreza em massa, à proletarização de sua população e a um intenso conflito que eclodiu na Europa, com uma série de protestos coordenados e rebeliões nos Estados da Confederação Germânica, incluindo o Império Austríaco, que repercutiram em todo o território saxão.

Para Wetzell (2018), o espírito alemão, a chamada *deutschtum* (germanidade), da qual Ottokar transcendia, sempre foi latente em sua vida. Embora não houvesse a Alemanha como Estado, havia uma consciência cultural como nação, pelo menos em parte. A nação alemã, que era a identidade nacional, foi o que gerou a revolução de 1848. Conforme Cunha (2018), Ottokar descendia de uma família de classe média que valorizava a educação e a cultura, e tal fato pode ser considerado como um propulsor de suas ações, uma vez que lhe fora ensinada a importância do conhecimento para a vida em sociedade. O espírito germânico sempre esteve presente em sua jornada. Por mais doloroso que tenha sido deixar sua “velha Pátria”, os ensinamentos aprendidos permaneceram vivos em sua vida na “nova Pátria”. Uma declaração de Ottokar ao *Jornal*

*Geral da Imigração Alemã*¹ demonstra o mencionado movimento consciente na decisão de migrar em direção ao Brasil e o intuito de permanecer fiel à sua germanidade:

Deixe-me assegurar-lhe quando deixei meu país Natal a Saxônia em 1854, fui inspirado e guiado pelo desejo de encontrar um lugar tranquilo onde pudesse permanecer alemão. Mais de uma vez, recebi sugestões e ofertas de conhecidos da América do Norte para ir para os Estados Unidos, mas o medo de ter que sacrificar minha germanidade ao ianque me deteve, e esse desejo me permitiu escolher a Colônia Dona Francisca como destino da minha imigração (*apud* Allgemeine Emigration Newspaper, 1866, p. 2).

Esse e outros registros deixados por Ottokar Dörffel são elementos essenciais para a construção do conhecimento histórico, das memórias por ele deixadas nos arquivos, revelando as construções sociais que sustentaram os valores inerentes ao indivíduo em diferentes tempos.

Ottokar Dörffel no Brasil: trajetória na Colônia Dona Francisca

A história do casal Dörffel começou a bordo do navio Florentin em Hamburgo, na Alemanha, com destino ao Porto de São Francisco do Sul, em novembro de 1854, quando ambos partiram em direção à Colônia Dona Francisca, localizada na Região Sul do Brasil.

Ottokar Dörffel descreveu a experiência da viagem em uma de suas cartas. Enquanto o convés inferior foi descrito como um local em que se ouviam os gemidos e suspiros dos enfermos, o convés da cabine do navio se tornava animado e ativo quando o tempo melhorava. Esse contraste realça a disparidade de experiências e condições nas diferentes partes do navio.

A vida no navio apresentava os maiores contrastes: lá embaixo, na baiuca, ouvia-se os gemidos e suspiros dos doentes, no convés da cabine havia uma atividade animada assim que o tempo melhorava. [...] Jogavam-se cartas, cantavam-se e tocava-se música no convés dos camarotes, enquanto descendo um lance de escadas, ou seja, no convés propriamente dito, um cadáver era trazido ao mar² (Dörffel, 2018, p. 85).

Logo após desembarcar no Porto de São Francisco do Sul, Ottokar retratou as condições em que encontrou a Colônia Dona Francisca, como extremamente precárias, com moradias inadequadas e falta de comodidades básicas. O ambiente na colônia foi descrito como caótico e barulhento, com brigas constantes.

De acordo com Davatz (1972), o Brasil utilizou de forma recorrente argumentos falaciosos apoiados na ideia de um futuro pródigo na “terra da promessa” para convencer

os imigrantes. Nesse sentido, a desilusão na chegada com as terras localizadas longe dos centros urbanos, marcadas por extensas áreas de floresta, sem vias de comunicação ou outro tipo de infraestrutura, se tornou um relato constante nas cartas e diários das colônias agrícolas do século XIX. Essa descrição criou uma impressão negativa da colônia, e Ottokar destacou as difíceis condições de vida:

Novembro deste ano estamos com segurança no porto de São Francisco [...]. O estado em que encontramos a Colônia Dona Francisca não correspondia em nada às expectativas geralmente baixas que eu tinha dela. A comida é tão cara quanto aqui na Alemanha. Além disso, [...] não há locais de aluguel. Portanto, tivemos que ser alojados com outros em um dos edifícios de recepção geral e fomos designados para lá, uma localidade de cerca de 6 m quadrados, com a qual nenhuma vaca na Alemanha ficaria satisfeita. [...] Não há tábuas no chão, o teto está completamente ausente e ouve-se constantemente brigas de pessoas rudes e gritos de crianças das localidades vizinhas, um simples dossel de folhas fornece pouca proteção contra o chuva, um andaime preso a ela de ripas de palmeira é usado para armazenamento e, se você não quiser revelar seus pertences, deve trancar a porta por dentro, que forma duas asas no sentido da largura, com um cadeado do lado de fora, mas do lado de dentro, durante a noite, com um forte bastão, arromba-o. Baratas, pulgas, centopeias e outros vermes vivem neste buraco, e é tão úmido que as roupas que você tira à noite ficam muito úmidas e pesadas pela manhã³ (Dörffel, 2018, p. 84-88).

Em contraste com a situação inicialmente desfavorável e descrita como difícil e as experiências de viagem e imigração, os registros sobre a Colônia Dona Francisca encontrados no Arquivo Histórico de Joinville mostram avanços dois anos após o desembarque, quando Ottokar já estava envolvido em diversas atividades administrativas e expandindo seu negócio privado. Desenvolver a cultura na colônia era um desafio que ele estava determinado a concretizar, pois lhe era muito importante dinamizar econômica e culturalmente o lugar que escolhera para viver.

Minha propriedade já foi tão transformada que é tomada por um certo destaque da colônia e eu por um Crösus⁴. Fui procurado por todos os lados sobre meus empreendimentos na propriedade. [...] Estou sendo reivindicado por todos os lados. Em março, fui eleito para servir na igreja local e no conselho escolar⁵. Depois fui nomeado presidente de uma associação que se formou aqui para promover o bem-estar da colônia e dos colonos⁶, e recentemente estou de volta à construção e manutenção de estradas e pontes. A Colônia nomeou o conselho⁷ e fui nomeado pelo conselho como seu presidente. Agora há mãos ocupadas para fazer em todos os lugares e muitas vezes eu troco picaretas e pás, que usei durante o dia, por uma caneta à noite, a fim de cuidar de tais negócios⁸ (Dörffel, 2018, p. 122).

Ottokar assumiu várias funções em sua comunidade, incluindo servir na igreja, no conselho escolar e em uma associação comunitária. Essas funções contribuíram para o

bem-estar da comunidade, promovendo momentos de contentamento da colônia e dos seus residentes. Seu envolvimento nessas organizações ajudou a manter e melhorar a infraestrutura, a educação e o desenvolvimento comunitário.

Para Matzke (2018), o casal Dörffel ocupou um papel decisivo no desenvolvimento da colônia, fosse na liderança da comunidade, fosse no fortalecimento dos laços germânicos, fosse no desempenho e na dedicação de Ottokar na direção, na política e na criação de associações com os intuitos de manter a cultura e os laços germânicos, superar as dificuldades e amenizar a saudade da Alemanha, bem como orientar os colonos a viver melhor na “nova Pátria”.

Em abril de 1855, foi fundada a Sociedade de Cultura da Colônia Dona Francisca, que ofereceria entretenimento para os moradores da colônia, batizada de Harmonie Society⁹. Na atualidade, Harmonia Lyra é a mais antiga sociedade cultural de Santa Catarina a permanecer ativa.

Uma grande casa da sociedade com um teatro de pé já foi erguida em Joinville, que será inaugurada pela Harmonie Society local com um teatro e baile assim que as obras internas estiverem concluídas (por volta do Natal). De um modo geral, estão agora a ser tomadas medidas que possivelmente e provavelmente irão assegurar um desenvolvimento mais vigoroso e rápido da Colônia¹⁰ (Dörffel, 2018, p. 227).

As experiências de Ottokar Dörffel durante sua jornada e as condições de vida na Colônia Dona Francisca moldaram seu papel como líder na comunidade. Diante das dificuldades iniciais ao chegar à colônia, Ottokar decidiu melhorar as condições de vida e promover o bem-estar dos demais moradores. Seu envolvimento em diversas organizações lhe permitiu contribuir para o desenvolvimento da colônia e sua infraestrutura, educação e crescimento comunitário.

Essas e outras ações fizeram de Ottokar um líder, e seu papel envolveu engajar-se na política, na religião, na cultura, além de contribuir para o desenvolvimento da cidade e fornecer elementos importantes que constituem o patrimônio cultural de Joinville.

Elementos que constituem o patrimônio cultural de Joinville

Ottokar Dörffel deixou um patrimônio cultural para a cidade de Joinville. Seus relatos, descritos em cartas a parentes e amigos, corroboram essa afirmação. Esses textos revelam um período de desafios para o imigrante alemão na região, bem como uma descrição detalhada do novo território, das redes pessoais formadas, das organizações

políticas e culturais que se estruturaram e de muitos outros aspectos relacionados ao cotidiano, como alimentação, expansão imobiliária, saúde e lazer.

Nesse sentido, são vários os elementos que estabelecem e constituem a memória de Ottokar, como os acontecimentos passados que preservam a manifestação de suas ideias, sua mentalidade progressista e ações que formam coletivamente um legado construído como patrimônio cultural.

Uma característica de Ottokar destacada por Seyferth (2002) foi a expressão do germanismo (*deutschtum*) como uma necessidade para afirmar o nacionalismo alemão na Colônia Dona Francisca, em território brasileiro, isso porque “a experiência de ser minoria nacional, a conseqüente perda de identidade e a necessidade de construção de uma nova identidade no contexto colonial, ligada ao conceito de pátria” (Seyferth, 2002, p. 128), estavam constantemente ameaçadas pelo preconceito enfrentado pelos colonos alemães por causa da sua identidade étnica.

Como Ottokar tinha influência na representação alemã na colônia, fundou o jornal *Kolonie-Zeitung* para publicar escritos sobre a importância da perpetuação da cultura alemã no novo território, como no trecho a seguir:

Pátria! [...]

A verdadeira pátria, com as suaves recordações de nossa juventude, com tudo aquilo que se nos tornou caro pela educação e pelo hábito do dia a dia nós a deixamos longe [...]. E a nova terra, na qual construímos o nosso lar e à qual ligamos toda a nossa existência? Esta nova terra ainda não se tornou pátria para nós. Ela parece ainda não querer nos aceitar como seus filhos e quanto mais profunda a afetividade com que a ela nos tentamos ligar, mais nos sentimos estranhamente repelidos [...]. Realmente embaraçosa e desalentadora situação a nossa, quando – feito apátridas – não sabemos, por assim dizer, a quem pertencemos! Mas não, caros leitores! Exatamente esta nossa situação poderá se tornar bastante feliz, se nós mesmos não falharmos. Com vontade firme e perseverança conseguiremos reatar as relações com a velha pátria, [...] torná-las cada vez mais vivas e assim ampliar, por assim dizer, a velha pátria até nós – não no espaço, decerto, mas espiritualmente. Atuando contínua e persistentemente, de acordo com a nossa índole e o nosso espírito germânico, haveremos de conseguir também o respeito e o afeto da nova pátria [...]. A fundação deste jornal se deve, primordialmente, ao desejo de contribuirmos para que todos os imigrantes alemães que escolheram o Brasil meridional e, principalmente, a província de Santa Catarina para se estabelecerem, aqui encontrem, realmente, uma nova pátria, sem que isso implique na perda de sua antiga pátria¹¹ (Dörffel, 1862 *apud* Seyferth, 2002, p. 128/129).

Para Seyferth (2002), os imigrantes alemães no sul do Brasil escreveram textos de propaganda, principalmente panfletos e livros sobre colonização, para atrair compatriotas para projetos de colonização. Esses textos enfatizavam o progresso das colônias

existentes e as possibilidades de acesso à terra e forneciam instruções consideradas “úteis” para potenciais emigrantes. Contudo, apesar de apresentarem uma avaliação positiva das províncias do sul, sua intenção de expandir a imigração alemã para uma região específica do território nacional foi vista como imperialista e um risco à unidade nacional. Esses escritos reforçavam o discurso de assimilação de meados do século XIX e criticavam implicitamente o princípio da colonização patrocinada pelo Estado, que permitia aos estrangeiros viver separadamente da sociedade nacional.

A Colônia Dona Francisca, hoje município de Joinville, localizada no nordeste de Santa Catarina, foi fundada em 1852. Segundo relatório publicado em 1859 e citado por Ferreira (2021), a colônia foi idealizada e organizada pela Associação Colonizadora de 1849 de Hamburgo, empresa alemã formada especificamente para colonizar e comercializar as terras de propriedade da Princesa Dona Francisca, irmã de D. Pedro II. Segundo Ferreira (2021, p. 568), “vista pelo governo imperial brasileiro como ‘uma colônia destinada a atrair imigrantes’, Dona Francisca (Joinville) tornou-se um dos mais importantes e notáveis assentamentos coloniais do Brasil no século XIX”.

Ferreira (2021) descreve que a história de Joinville é conhecida por meio da tradução de documentos disponíveis nos arquivos do Museu Nacional de Imigração e Colonização e do Arquivo Histórico de Joinville, em sua maioria escritos em língua alemã, que revelam a colônia como uma “empresa modelo independente e bem-sucedida, independentemente de favores significativos do governo brasileiro, porque era uma empresa privada organizada e administrada por uma importante e influente sociedade de empresários alemães” (Ferreira, 2021, p. 568). Esse fato é questionável, segundo Ferreira (2021), que apresenta dois manuscritos que comprovam as dificuldades enfrentadas pelo mais significativo núcleo de colonização alemã em Santa Catarina e no Brasil no século XIX, que não constam dos arquivos documentais nem da história da cidade de Joinville.

O diretor-gerente da Associação de Colonização de 1849 em Hamburgo (ACH), Friedrich Gültzow, comunicou ao governo brasileiro as dificuldades financeiras da empresa colonizadora e solicitou auxílio do governo para continuar investindo na colonização das terras de Dona Francisca, salientando que a falta de apoio do governo brasileiro à Associação causaria embaraços à colonização do Brasil, uma vez que o fracasso da colônia Dona Francisca teria repercussão negativa na Europa. O segundo manuscrito, originalmente redigido em francês, é a carta do príncipe de Joinville ao conselheiro e mordomo da Casa Imperial Paulo Barbosa da Silva, encaminhada meses depois do envio do referido pró-memória. Nessa missiva, o príncipe solicitou que D. Pedro II, seu cunhado, evitasse o naufrágio da colônia Dona Francisca, onde Joinville havia investido grande soma de dinheiro (Ferreira, 2021, p. 568).

Nesse contexto, Ottokar destacou-se com um discurso focado na política de imigração, na manutenção da colônia e, sobretudo, na permanência dos imigrantes que se estabeleceram nesse núcleo alemão.

O sentimento de pertencimento de Ottokar Dörffel à “velha Pátria”, escrita no primeiro artigo¹² para o jornal *Kolonie-Zeitung* (*Jornal da Colônia*), lançado em 20 de dezembro de 1862, exalta a intencionalidade de perpetuar a identidade alemã em território brasileiro, a “nova Pátria”, uma vez que havia certa fragilidade tanto na manutenção político-administrativa quanto social da colônia, como sugere dois parágrafos de um longo texto:

Pátria! Que Sublime Fascinação a deste nome, e ao pronuncia-lo, como se ergue, como se ergue, como se amplia nosso peito – mas quantos sentimentos, para nós dolorosos, com ele se relacionam! A verdadeira Pátria, com as *suaves recordações de nossa juventude, com tudo aquilo que se nos tornou caro pela educação e pelo hábito do dia a dia* – nós a deixamos; longe, infinitamente longe se encontra ela atrás de nós, e provavelmente dela estaremos separados para todo sempre! E a nossa terra, na qual construímos o nosso lar e a qual ligamos toda a nossa existência? Esta nova terra ainda não se tornou Pátria para nós. Ela parece ainda não querer nos aceitar com seus filhos e quanto mais profunda a afetividade com que a ela nos tentamos ligar, mais nos sentimos estranhamente repelidos, não raras vezes – e tanto mais impetuosa se reacende a saudade da velha e inesquecível Pátria – a Pátria que, na verdade, também já nos perdeu de vista e nos esqueceu. Realmente, embaraçosa e desalentadora situação a nossa, quando – feito apátridas – não mais sabemos, por assim dizer, a quem pertencemos! Mas não, caros leitores! Exatamente esta nossa situação poderá se tornar bastante feliz, se nós mesmos não falharmos. *Com vontade firme e perseverança conseguiremos reatar as relações com a velha Pátria*, e reatá-las quando rompidas e reafirmá-las onde afrouxadas, torná-las cada vez mais vivas e assim ampliar, por assim dizer, a velha Pátria até nós – não no espaço, de certo, mas espiritualmente. Atuando contínua e persistentemente, de acordo com a nossa índole e o nosso *espírito germânico*, haveremos de conseguir também o respeito e o afeto e o afeto da nova Pátria, tornando ainda mais feliz o nosso relacionamento com ela. Aí então teremos em dobro o que antes apenas possuíamos unilateralmente. Por isso, tenhamos fé e confiantemente olhemos para o alto, para Aquele que dirige o destino dos homens e dos povos para o seu bem (Dörffel, 1862 *apud* Herkenhoff, 1998, p. 31-32, grifos meus).

O texto reflete sobre as complexas emoções e sentimentos associados ao conceito de “Pátria”. Ottokar expressa um sentimento de saudade e dor pela verdadeira pátria, deixada para trás, ao mesmo tempo que se sente alienado na nova terra, onde construiu a sua vida. A situação é descrita como confusa e desanimadora, pois sente que não pertence a lado nenhum, porém o autor acredita que essa situação pode ser superada com determinação e perseverança. Ao reconectar-se ativamente com a antiga pátria e promover uma ligação mais profunda com a nova pátria, Ottokar sugere que um

sentimento de pertença mais feliz e gratificante pode ser alcançado. O texto termina com um apelo à fé e à confiança em um poder superior que orienta o destino dos indivíduos e das nações para o seu bem-estar. O texto explora as emoções conflitantes que cercam o conceito de pátria, destacando a saudade da antiga pátria e a luta para estabelecer um sentimento de pertencimento à nova, no entanto o autor permanece otimista, sugerindo que trabalha ativamente no sentido de restabelecer a ligação com a antiga pátria e de promover uma ligação mais forte com a nova.

Para Ottokar, o significado de *pátria* representa o profundo vínculo emocional e apego em relação ao seu país de origem, muitas vezes enraizado em memórias, educação e experiências diárias. É um profundo senso de identidade e conexão com um lugar que possui significado pessoal. Imagine uma pessoa que cresceu numa cidade pequena, rodeada de rostos familiares, tradições e valores culturais. Essa cidade torna-se a sua pátria. Agora, considere a mesma pessoa mudando-se para um país diferente para viver. Inicialmente, pode sentir-se como uma estranha, lutando para adaptar-se a uma nova língua, costumes e normas sociais. Esse novo país ainda não se tornou a sua pátria. Com o tempo, à medida que mergulha na nova cultura, faz amigos e estabelece ligações, começa a desenvolver um sentimento de pertencimento. O novo país começa gradualmente a se sentir como uma segunda pátria, um lugar onde construir uma casa e se integrar na sociedade.

Análogo a esse conceito é o sentimento de estar dividido entre duas pátrias. A pessoa pode sentir saudades da sua pátria original, lembrando as memórias e nostalgias associadas ao seu país de origem. Para compreender melhor a pátria, pense nela como um amor profundamente enraizado por laços familiares e de amizade. É um sentimento de pertencimento e lealdade que transcende os elementos individuais. Ao usar essas analogias, podem-se ter uma compreensão multifacetada do conceito de pátria e explorar as complexidades de identidade, pertencimento e conexões emocionais.

Todavia, quando o sentimento de pertencimento é ameaçado pelo fracasso do empreendimento, algo precisa ser feito para mudar o futuro incerto da colônia. Uma das ações tomadas foi apelar à Associação de Colonização de 1849 em Hamburgo (ACH) para salvar o projeto.

A apresentação do pró-memória que a direção da ACH encaminhou ao governo do Império do Brasil, bem como a carta do príncipe de Joinville ao conselheiro Paulo Barbosa, expostas a seguir, foi feita de maneira contextualizada para melhor compreensão da importância desses dois documentos. Assim, este texto está organizado em duas seções além desta introdução. Na primeira seção, são apresentados a origem das terras de Dona Francisca e os cálculos da direção da ACH para a

colonização de parte dessas terras. Depois, faz-se a transcrição do pró-memória da ACH. A segunda seção demonstra a decisiva intervenção do príncipe de Joinville, que, após o governo brasileiro não oferecer o apoio requerido pela direção da ACH, utilizou-se da sua influência e de seu parentesco com D. Pedro II para requerer o auxílio financeiro indispensável à manutenção da colônia Dona Francisca (Ferreira, 2021, p. 568).

A intervenção decisiva do príncipe de Joinville teve papel crucial na colonização de Dona Francisca. Ferreira (2021) descreve em seu estudo historiográfico que, inicialmente, o governo brasileiro não forneceu nenhuma assistência financeira ao projeto de colonização, apesar das potenciais repercussões negativas do seu fracasso na Europa, no entanto o príncipe de Joinville¹³, que havia investido recursos significativos na colônia, manifestou preocupação com o seu futuro e com a necessidade de apoio governamental. Ele enfatizou que o sucesso de Dona Francisca foi essencial não só para suas propriedades, mas também para o futuro do Brasil. Reconhecendo as consequências potenciais do fracasso da colônia, o príncipe de Joinville solicitou assistência das autoridades brasileiras.

Como resultado, o governo acabou assinando contratos para financiar uma parcela significativa dos investimentos na colônia e fornecer transporte para os imigrantes europeus. Esse apoio, aliado à influência do príncipe de Joinville e à sua relação com o Imperador D. Pedro II, garantiu a continuidade da colonização e do progresso de Dona Francisca, que se tornou um dos mais importantes assentamentos coloniais de Santa Catarina e do Brasil no século XIX.

Ferreira (2021) conclui que a intervenção do príncipe de Joinville e o apoio financeiro do governo brasileiro foram fundamentais para o sucesso da Colônia Dona Francisca. Apesar da relutância inicial do governo, a influência do príncipe de Joinville e seu apelo ao Imperador D. Pedro II asseguraram a assistência necessária ao projeto de colonização. Isso contradiz a noção de que o sucesso da colônia dependia exclusivamente dos esforços de uma empresa privada liderada por empresários alemães. Em vez disso, o autor destaca a importância tanto do investimento privado como do apoio governamental no estabelecimento e desenvolvimento de assentamentos coloniais significativos como Dona Francisca.

Manter a colônia era algo necessário para Ottokar Dörffel. Por isso, ele se envolveu na administração pública dela dois anos após chegar ao país. Exerceu os cargos de tesoureiro e contador da colônia de 1856 a 1890, reportando-se diretamente ao diretor¹⁴. Ele também atuou como presidente do Conselho Municipal e administrou temporariamente a colônia após a morte do diretor.

Desde o início de 1873, exerço o cargo de Diretor da Colônia local em caráter suplente e o de tesoureiro e recebo o salário correspondente a ambos os cargos. Eu gostaria de aguentar isso por um tempo. Mas eu não tenho a menor vontade de me tornar diretor definitivamente. Porque o próprio salário de diretor é apenas 600 mil-réis por ano a mais do que o meu salário de tesoureiro (Dörffel, 2018, p. 374).

Além das funções administrativas locais, Dörffel ocupou diversos cargos consulares no total de 30 anos. Esteve ativamente envolvido na emissão de certidões de estado civil para emigrantes viúvos e manteve contatos com indivíduos interessados nas relações culturais e econômicas da Alemanha.

Além das funções administrativas, Dörffel participou da fundação do assentamento de São Bento do Sul para acomodar os imigrantes recém-chegados, contudo os desafios de navegar na política local, as oportunidades limitadas de progresso e o reconhecimento contínuo da comunidade local o desgastaram gradualmente.

Em agosto de 1856, a administração da Colônia local foi encarregada de contratar um tesoureiro e um contador que deveria estar familiarizado com a contabilidade de partidas dobradas. Eu pude ajudar e comecei imediatamente e depois continuei a manter a posição. Acima de mim estava um Diretor a quem logo tive que assistir e para quem tive que representar às vezes. Assim, tratei com três Diretores em um período de 33 anos. Eu tocava o segundo violino, mas, querendo ou não, tocava principalmente a melodia. Em 1873, quando era o único Diretor após a morte do segundo Diretor, fundei o assentamento de São Bento no meio de uma área arborizada primitiva das terras altas para acomodar numerosos novos imigrantes – apesar de não ter recebido aprovação do governo. São Bento, que, para espanto de todos, cresceu rapidamente num clima mais temperado, mais condizente com os alemães, e agora, com a afluência de brasileiros, forma dois municípios com administração autônoma (Dörffel, 2018, p. 408).

No geral, Ottokar Dörffel desempenhou papéis significativos nos negócios, na administração local e nos assuntos consulares durante sua estada no Brasil. Conforme Matzke (2018), ele foi responsável pela gestão das finanças e da infraestrutura da colônia, ocupou cargos no governo municipal e atuou como representante consular dos interesses alemães. O envolvimento de Dörffel nessas atividades lhe permitiu interagir com uma vasta gama de indivíduos interessados em valores culturais e contatos econômicos do lado alemão.

Nessa perspectiva, seu envolvimento na colônia foi intenso tanto em termos sociais quanto culturais, projetando para o futuro a identidade de um líder que se conecta com as memórias deixadas como fonte de um patrimônio de significados constantemente construídos por meio da sua interação com um coletivo.

Reflexões acerca da memória e da identidade: formas de interpretar o passado de Ottokar Dörffel

Um documento escrito por Ottokar Dörffel pode ser descrito de acordo com a compreensão do leitor com base em sua visão de mundo no tempo presente, mediante a interpretação, mas seu conteúdo não pode ser ignorado no passado vivido. Por isso, algumas reflexões são importantes de ser analisadas à luz de autores que dedicaram estudos acerca da memória para organizar toda uma sequência de acontecimentos que marcaram a vida de Dörffel por meio de narrativas, tendo como motivação as circunstâncias sociais, político-administrativas e culturais da segunda metade do século XIX.

Para tanto, faz-se necessária a análise da memória e da identidade, que reforça a associação entre as duas, desde a faculdade individual até um conjunto de representações coletivas capazes de organizar a estrutura dessas identidades e dar sentido a ela. Os estudos de Candau sobre memória e identidade (2011) discutem como são criadas as produções narrativas. Muitos dos documentos em arquivos reproduzem relatos orais, e, ao analisar as “narrativas orais é necessário compreender não apenas o que é dito, que é fonte de pesquisa, mas também o que não é dito” (Candau, 2011, p. 125), o que é igualmente importante para a compreensão dos fatos relatados. Nesse sentido, o esquecimento também faz parte do processo de construção de memórias coletivas ou individuais.

No livro *Memória Coletiva*, de Maurice Halbwachs (1990), a compreensão da memória individual e coletiva é explorada. O autor argumenta que a memória individual é influenciada pela memória coletiva, afirmando que o primeiro testemunho confiável será sempre o nosso. Ele também sugere que recordar ou validar uma memória não requer necessariamente testemunhas físicas, pois diferentes percepções da realidade podem moldar e apresentar memórias. Embora não seja suficiente para descrever com precisão eventos passados, a memória coletiva ainda serve como referência para apresentar uma sequência de situações passadas no presente.

Já Assmann (2011) explora a conexão entre memória e identidade pela perspectiva de poetas, filósofos, sociólogos e historiadores. A distinção entre história e memória é um tema central na discussão. A teórica referencia Halbwachs e Nora, o primeiro com o argumento de que há distinção entre memória coletiva e memória histórica, ressaltando que a memória coletiva está ligada à estabilidade e existência de um grupo. Ele também destaca o papel da interação social na formação e manutenção de memórias. Finalmente,

Pierre Nora expande as ideias de Halbwachs, sugerindo que a memória coletiva é construída por intermédio de símbolos e sinais partilhados em uma comunidade, enquanto a escrita da história é um empreendimento científico. Nora afirma que memória e história se opõem em muitos aspectos, sendo a memória uma experiência atual e vivida e a história uma representação do passado.

Halbwachs (1990) e Nora (1993) enfatizam a natureza construtiva da memória, o seu papel na formação da identidade e a sua importância em relação à ciência histórica objetiva. A oposição entre vivido e abstrato, habitado e desabitado, é um aspecto central dos seus argumentos.

Outra discussão apresentada por Assmann (2011) trata da relação entre memória funcional e memória cumulativa. A autora argumenta que a oposição entre memória e história está a tornar-se menos sustentável, uma vez que existe um consenso de que a história e a memória estão interligadas e não podem ser separadas. Ainda, sugere encarar a história e a memória como dois modos de recordação que podem coexistir e complementar-se.

A memória funcional refere-se à memória de um grupo, seletiva e vinculada a valores e à orientação futura. Por outro lado, a memória cumulativa refere-se à memória das memórias, em que são armazenados elementos que perderam a ligação vital com o presente. Assmann (2011) propõe que esses dois modos de memória podem ser produtivos quando referenciados entre si, permitindo a renovação e utilização da memória funcional. O texto também explora a relação entre memória individual e memória cultural, traçando paralelos entre ambas. A memória cumulativa contém informações não utilizadas e obsoletas, enquanto a memória funcional envolve a seleção e interpretação de memórias, mas as duas são importantes para a construção da identidade e compreensão do passado.

O texto de Assmann (2011) acerca das tarefas da memória funcional discute diversas formas dessa memória, focando em três possibilidades: legitimação, deslegitimação e distinção. A legitimação refere-se à prioridade da memória política ou oficial, em que o poder dominante procura legitimar a sua própria origem por meio de formas elaboradas de conhecimento histórico, como as genealogias. Essa memória legitimadora não só olha para trás, mas também para o futuro, pois os dominadores querem ser lembrados e erguem memoriais para comemorar as suas conquistas. Por outro lado, a deslegitimação é a memória subversiva que desafia as relações de poder opressivas. Trata-se de relembrar acontecimentos e figuras que foram apagadas ou suprimidas pela memória oficial. E a distinção abrange os meios que representam a

expressão que constitui a identidade coletiva. Por fim, tem-se o papel da memória cumulativa, que serve como repositório para memórias funcionais futuras e fornece um corretivo para memórias funcionais atuais. Enfatiza a importância de instituições como arquivos, museus e bibliotecas na preservação e divulgação do conhecimento cultural, destacando a necessidade de que a memória funcional e a cumulativa coexistam e se complementem numa cultura que se diferencia e se autonomiza.

Tal aspecto é relevante quando se considera uma trajetória de vida pautada em uma história oficial que valoriza a imigração germânica e apaga outras culturas, como aconteceu com a história de Joinville. O caminho iniciado por Ottokar Dörffel como político, jornalista e gestor na colônia ressaltava discursos de defesa da germanidade amparados no sentimento de orgulho de ser alemão.

Algumas informações escritas por Ottokar Dörffel e apresentadas neste artigo sugerem que a sua decisão de imigrar para o Brasil em meados do século XIX foi influenciada por vários fatores. Em primeiro lugar, Otto Victor I Von Schönburg-Waldenburg, antigo empregador de Dörffel e um dos principais acionistas da ACH, desempenhou papel significativo na sua decisão. Segundo Wetzel (2018), Dörffel interpretou a extensa aquisição de ações por Schönburg como planos promissores para o futuro e ofereceu-se para ajudar na concretização desses planos. Além disso, a ocupação de Dörffel como advogado e seu *status* social como membro da elite intelectual em Glauchau provavelmente contribuíram para o seu desejo de buscar novas oportunidades no Brasil.

Todavia, o desejo de Dörffel de manter sua identidade alemã e a percepção de que o Brasil era uma área de assentamento ideal para os alemães motivaram ainda mais sua decisão. O seu envolvimento na administração local e nas diversas funções na colônia também influenciou a sua decisão, pois lhe proporcionou oportunidades de crescimento pessoal e profissional.

Tais apontamentos suscitam a reflexão que move este subtítulo, de que memória e identidade se conectam numa perspectiva social e cultural. Em outras palavras, identidade é um conceito socialmente construído e constantemente redefinido na interação entre o indivíduo e o coletivo, em que são compartilhadas memórias, crenças, práticas e representações. Portanto, a memória é uma reconstrução continuamente atualizada do passado.

Ter contato com todo um repertório transcrito dos textos de Ottokar Dörffel pode ser um referencial de entendimento sobre a sua forma de organização social e concepção

de vida, que nada mais são que retomadas de memórias que advêm de um passado apresentadas no presente.

A maneira como as sociedades contemporâneas lidam com o repertório da memória é algo complexo, pois existe uma linha tênue entre a lembrança e o esquecimento, e pode ser superada quando narrada por meio de uma seleção de repertórios incluídos ou excluídos em uma narrativa identitária.

Uma pesquisa biográfica como a que conta a vida de Ottokar Dörffel se apoia em documentos¹⁵ encontrados no Arquivo Histórico de Joinville, no Arquivo Histórico de Chemnitz, na Alemanha, e no Museu de Waldenburg, também na Alemanha. Esses documentos passaram por um processo de seleção e esquecimento e materializaram-se como fontes de divulgação documental de determinado período histórico. Esses espaços guardam registros de narrativas que permitem interpretar e captar o sentimento de pertencimento de Ottokar Dörffel à comunidade da Colônia Dona Francisca.

Em nossos registros, na análise da memória identitária de Ottokar Dörffel e do que está por trás da escrita de seus textos, seja nos exemplares impressos do jornal *Kolonie-Zeitung*, seja nas cartas trocadas com sua família, há uma dinâmica revelada sobre quem foi Ottokar Dörffel como indivíduo e em sua relação com o coletivo.

As fontes originais apresentam suas percepções existenciais que operavam na dinâmica dos grupos aos quais Ottokar pertencia, na tradição da Colônia Dona Francisca como seu reduto de preservação e perpetuação cultural, na defesa de ideais externalizados, em seu modo de ser, em suas crenças e valores morais e intelectuais, que o levaram a tomar decisões, organizar a comunidade e compartilhar conhecimentos, formando sua identidade.

Portanto, com base nas reflexões de Candau (2011), pode-se fazer a seguinte correlação: como se formou a identidade de Ottokar Dörffel com base na sua relação com o grupo ao qual pertencia? A resposta está nos traços de escrita que o próprio Ottokar compartilhou, limitados pelos enquadramentos sociais que determinaram sua participação na Colônia Dona Francisca.

A forma como fortaleceu a dinâmica de sua filiação ao grupo, fosse pela repetição de traços de personalidade, fosse por suas condutas que o tornaram um líder respeitado no contexto histórico, bem como outras projeções culturais nas quais desempenhou papel de destaque, constitui um legado que contribui com o patrimônio material e imaterial da cidade de Joinville. Patrimônio material por conta da residência de Ottokar Dörffel em Joinville, que foi tombada como patrimônio histórico da cidade e atualmente abriga o Museu de Arte, porém sua biografia como figura histórica não tem a mesma visibilidade

que a do museu, que conta pouco de sua história. As memórias servem como um lembrete da passagem do tempo, mas carregam um significado profundo. Seus escritos podem ser vistos como uma ferramenta para exteriorizar o que é interno e inacessível, permitindo a autoexpressão e a compreensão da possibilidade de continuidade, contrastando com o inevitável processo de envelhecimento.

Considerações finais

Ao longo da vida, Ottokar Dörffel e sua esposa mantiveram intensa correspondência com parentes e amigos que deixaram quando imigraram para o Brasil. O resultado disso é uma coleção de cartas trocadas ao longo de mais de 50 anos, formando um *corpus* documental de quase 100 cartas. As cartas trocadas entre parentes e amigos retratam a perspectiva de Ida e Ottokar Dörffel sobre os acontecimentos que marcaram suas vidas após a travessia do oceano até o Brasil. Essas correspondências contêm relatos das experiências vividas na Colônia Dona Francisca, bem como o compartilhamento de suas opiniões, emoções, frustrações e detalhes específicos de seu novo lar. As cartas trocadas entre familiares e entes queridos são documentos valiosos para estudar as mudanças ocorridas no contato com brasileiros e outros imigrantes alemães em Santa Catarina.

A possibilidade de acessar o passado de Ottokar Dörffel por meio de fontes primárias presentes no Arquivo Histórico de Joinville, como seus textos escritos em inúmeras publicações do jornal *Kolonie-Zeitung*, em que expressa seu ponto de vista sobre a dinâmica vivida na Colônia Dona Francisca, e no Arquivo Histórico de Chemnitz, onde se encontra grande parte das cartas escritas por Ottokar e sua esposa, Ida, endereçadas a parentes e amigos da região da Saxônia, é importante para conhecer mais sobre o indivíduo. Uma interpretação aceitável e reflexiva na contemporaneidade sobre as formas de interpretar o passado. O compromisso científico com a história de Ottokar permanece na busca pelo que é dito na fonte de pesquisa e pelo que não é dito da mesma maneira, para a compreensão dos fatos relatados.

O lugar da escrita é ponto determinante para a interpretação da história e marcado pela construção do conhecimento e pelo interesse do tempo presente. Portanto, sua interpretação não fica petrificada ou congelada, mas ganha novo questionamento ou reflexão a respeito de acontecimentos passados para dar sentido ao tempo presente, que por sua vez será sempre provisório.

Assim, determina-se a inter-relação da memória pelo presente e pelo manejo dos registros passados. Essa reflexão move este texto sobre como são concebidas hoje as formas de conhecimento do passado. A perspectiva acerca da história, por meio dos registros arquivísticos, difere da memória, que opera de modo mais afetivo, embora ambas tenham seu valor e compartilhem aspectos comuns que envolvem a identidade, contudo elas ainda vão além de uma seleção do que é narrado no presente com base no que está disponível nos arquivos históricos e ganham vida a cada nova versão do passado.

Ottokar Dörffel, que nasceu na Saxônia, Alemanha, e migrou para o Brasil com uma formação intelectual consolidada e o desejo não apenas de permanecer alemão, mas também de perpetuar a cultura alemã em território brasileiro, é importante para a história da imigração no Brasil e para a discussão do patrimônio cultural em Joinville. Sua dimensão identitária envolve uma perspectiva mais ampla, uma interpretação mais abrangente do que se projeta nas ações por ele promovidas e comprovadas nos registros de cartas e outros documentos presentes no Arquivo Histórico de Joinville. Por exemplo, ele foi o fundador do jornal *Kolonie-Zeitung*, cofundador da Harmonie Society, membro fundador de diversas associações culturais e assistenciais, além de membro da Loja Maçônica Deutsche Freundschaft (Amizade Alemã), na Colônia Dona Francisca. Chama a atenção a intensa dimensão da vida sociocultural e econômica da comunidade que motivou essas inúmeras ações.

A força de sua abordagem situacional, de sua identidade, que foi construída por meio de suas relações interpessoais, de sua visão de mundo, foi uma forma de perpetuar algo que lhe era muito caro, sua herança alemã. Portanto, seu sentimento de pertencimento a um grupo social, que conseqüentemente se relacionava com uma dimensão coletiva em determinados tempo e espaço, foi fundamental tanto para construir quanto para perpetuar valores e ideias que o identificaram em dados tempo e espaço, sem a necessidade de romper um vínculo, sua conexão entre os dois continentes. As memórias foram construídas por fatos envolvendo o indivíduo Ottokar Dörffel, numa dimensão individual, que se relacionava com uma dimensão coletiva. Ottokar construiu uma história de ações cotidianas que representavam o pensamento dos imigrantes alemães em território brasileiro.

Por fim, que este texto, como sugere Schwarcz (2013), sirva para refletir acerca dos contextos sociais, culturais e políticos da atualidade, aproximando a história das nossas próprias realidades e contradições. Os acervos, compostos de indícios do passado – presentes em documentos como cartas e jornais – podem ser questões-chave para as reflexões sobre o patrimônio cultural da cidade. Urge sair da visão que privilegia somente

o passado ligado à imigração germânica, mas cabe na mesma medida sair do encastelamento de um patrimônio cultural de pedra e cal que apaga a biografia dos sujeitos históricos. Do mesmo modo, os escritos de Ottokar Dörffel permitem analisar os discursos passados e as suas apropriações no presente, a composição das políticas patrimoniais ao longo do tempo e as disputas que envolvem a memória.

Referências

- ALLGEMEINE EMIGRATION NEWSPAPER. v. 20, n. 13, p. 2, 29 mar. 1866. Disponível em: https://zs.thulb.uni-ena.de/servlets/MCRFileNodeServlet/jportal_derivate_00047648/AWZ_20_1866_Nr013.pdf. Acesso em: out. 2023.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- CUNHA, Dilney. *A origem e o desenvolvimento da Colônia Dona Francisca/Joinville no sul do Brasil no século XIX*. Von Glauchau nach Brasilien. Auswandererbrieife von Ida und Ottokar Dörffel (1854-1906). Halle/Saale: Mitteldeutscher Verlag, 2018.
- DAVATZ, Thomas. *Memórias de um colono no Brasil (1858)*. Tradução de Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Edusp, 1972.
- FERREIRA, Luiz Mateus da Silva. Dois manuscritos para revisar a história da colônia Dona Francisca (Joinville/SC), um dos mais importantes núcleos de colonização alemã do Brasil no século XIX. *Revista História Unisinos*, v. 25, n. 3, p. 567-576, set./dez. 2021.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HERKENHOFF, Ely. *História da imprensa de Joinville*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.
- MATZKE, Judith. *Von Glauchau nach Brasilien*. Auswandererbrieife von Ida und Ottokar Dörffel (1854-1906). Halle/Saale: Mitteldeutscher Verlag, 2018.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Biografia como gênero e problema. *Revista História Social*, Campinas, n. 24, p. 51-73, 2013.
- SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 117-149, 2002.

WETZEL, Michael. *Ottokar Dörffels Herkunftsregion Die Schönburgischen Herrschaften in der ersten Hälfte des 19: Jahrhunderts* Von Glauchau nach Brasilien. Auswandererbriefe von Ida und Ottokar Dörffel (1854-1906). Halle/Saale: Mitteldeutscher Verlag, 2018.

¹Com circulação entre 1846 e 1871, O *Allgemeine Emigration Newspaper (Jornal Geral da Imigração Alemã)*, de Rudolstadt, de responsabilidade de editoração de Günther Fröbel, tinha a publicação semanal de três exemplares. Além de conselhos aos que desejavam imigrar e de relatos das experiências dos que migraram, publicava listas dos imigrantes alemães nos navios como fonte de informações censitárias.

² Tradução da carta escrita por Ottokar Dörffel para sua mãe, Christiane Charlotte Dörffel. Data: 1º de dezembro de 1854. Repositório: Saxon State Archives, Chemnitz State Archives, 32875 Dörffel – Kretzschmar, patrimônio da família, nº 4/70.

³ Tradução da carta escrita por Ottokar Dörffel para sua mãe, Christiane Charlotte Dörffel. Data: 12–17 março de 1855. Repositório: Saxon State Archives, Chemnitz State Archives, 32875 Dörffel – Kretzschmar, patrimônio da família, nº 4/80.

⁴ Crösus, ou Krösus, foi um rei da Lídia, região da Ásia Menor. Viveu entre 590 a.C. e 541 a.C. Ele, antes da guerra contra os persas, buscou no oráculo de Delfi instruções para tal e só depois iniciou a ofensiva.

⁵ Já em dezembro de 1851, formou-se uma congregação protestante, seguida logo depois de uma associação escolar. Os membros de ambos os conselhos eram quase idênticos nos primeiros anos: Ottokar Dörffel, Eduard Trinks, Albert Kröhne, Carl Lange, Louis Niemeyer, Jacob Richlin, Heinrich Fissmer, Pastor Jacob Daniel Hoffmann e Pastor Georg Hölzel.

⁶ Fundada como associação cultural em 29 de abril de 1855 por Ottokar Dörffel, Josef Ferdinand Reiß, Carl Parucker e o pastor Georg Hölzel, com os objetivos de promover a agricultura e a indústria, aconselhar imigrantes e realizar experimentos agrícolas. Ottokar Dörffel foi seu primeiro presidente, de 1855 a julho de 1858.

⁷ Fundada em 1855 como associação de proprietários de terras, com o objetivo de manter as estradas e pontes, existiu como loteamento particular até o fim da Colônia Dona Francisca, em 1869. A associação formou a comunidade da colônia, que foi dividida em distritos, e elegeu um conselho comunitário. Os membros principais foram Ottokar Dörffel, Otto Niemeyer e Bernhard Poschaan.

⁸ Tradução da carta escrita por Ottokar Dörffel para sua mãe, Christiane Charlotte Dörffel. Data: 1º de agosto de 1855. Repositório: Saxon State Archives, Chemnitz State Archives, 32875 Dörffel – Kretzschmar, patrimônio da família, nº 4/100.

⁹ Ata da reunião registrada em 1858, com o secretário Ottokar Dörffel e a presença de Eduardo Trinks, Georg Otto Niemeyer e Jean Bauer. Fundação: maio de 1858.

¹⁰ Tradução da carta escrita por Ottokar Dörffel para sua mãe, Christiane Charlotte Dörffel. Data: 25 de outubro de 1858. Repositório: Saxon State Archives, Chemnitz State Archives, 32875 Dörffel – Kretzschmar, patrimônio da família, nº 4/340.

¹¹ *Kolonie Zeitung*, J. 1, Probenummer, 20 dez. 1862, p. 1. Tradução de Elly Herkenhoff (Arquivo Histórico de Joinville).

¹² Recorte do texto traduzido por Elly Herkenhoff, que se encontra no livro de sua autoria *História da imprensa de Joinville*. A continuação do artigo escrito por Ottokar Dörffel está disposto nas páginas subsequentes, páginas 33 e 34.

¹³ A íntegra dos documentos citados neste artigo se encontra no apêndice do trabalho de Luiz Mateus da Silva Ferreira. Dois manuscritos para revisar a história da colônia Dona Francisca (Joinville/SC), um dos mais importantes núcleos de colonização alemã do Brasil no século XIX.

¹⁴ Louis François Leonce Aubé (1816–1877) foi um engenheiro francês e oficial do exército francês que serviu como vice-cônsul e plenipotenciário do príncipe de Joinville no Brasil em 1844. De 1855 a 1860, atuou como diretor da Colônia Dona Francisca. Aubé assinou contrato com a Companhia de Colonização de Hamburgo, que implantou a Colônia Dona Francisca em uma área de 8 léguas quadradas. Como representante do príncipe de Joinville, Aubé participou ativamente dos primeiros anos de implantação da colônia e executou a construção da Estrada da Serra (Estrada Dona Francisca, hoje SC-418), que se tornou a principal ligação ao planalto norte de Santa Catarina e estimulou os dois primeiros ciclos econômicos da região, as indústrias da erva-mate e da madeira.

¹⁵ Colunas em jornais, principalmente no *Kolonie-Zeitung*; cartas endereçadas a parentes e amigos, descrevendo seu cotidiano na Colônia Dona Francisca; e livreto escrito por Ottokar Dörffel com o tema voltado à sua gestão na colônia.

Artigo recebido em 09/11/2023

Aceito para publicação em 16/04/2024